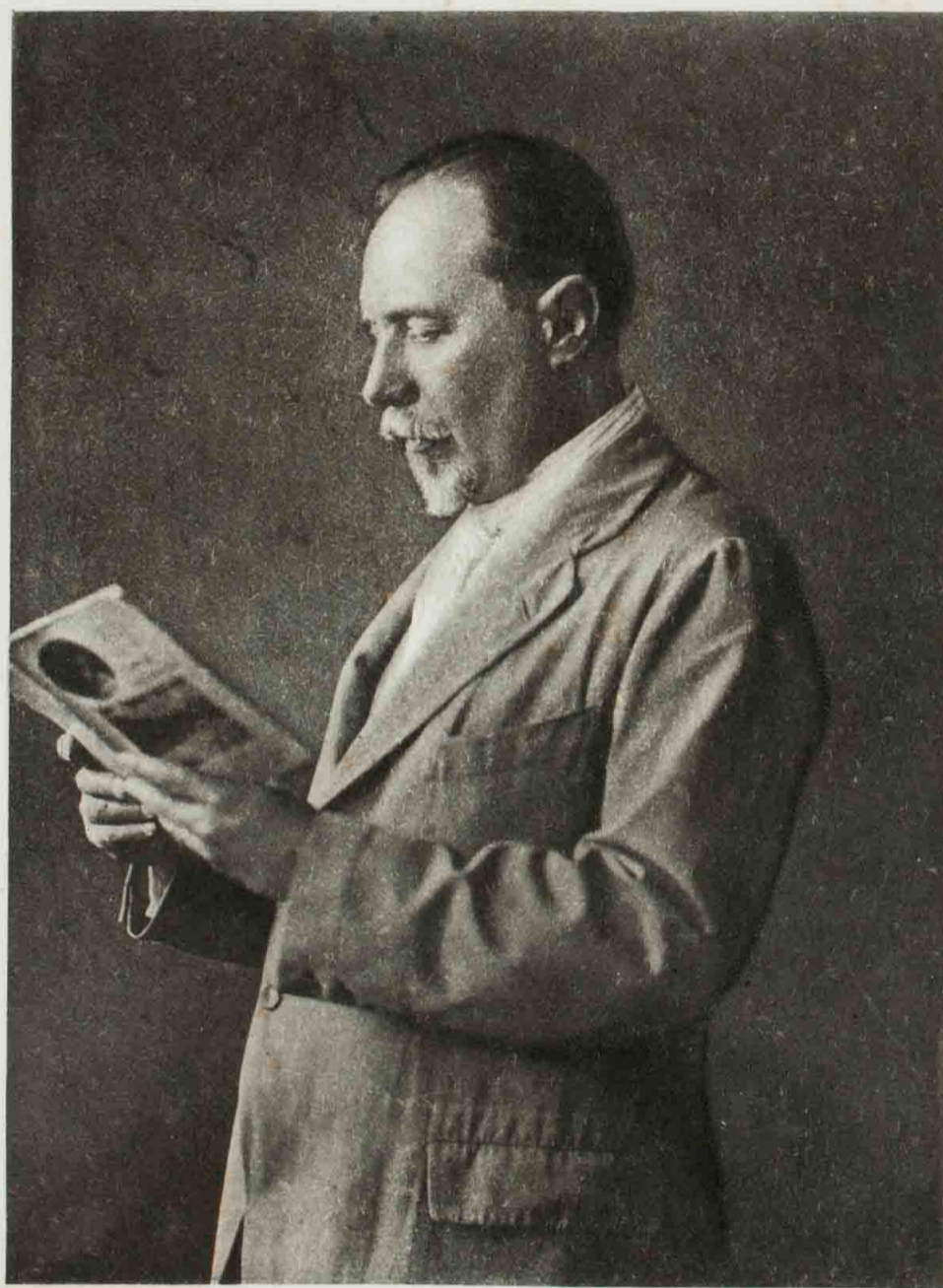


O Contractador
dos Diamantes



Alfonso Prinos

Programmm

87^o sarau
17 de maio de 1919

O Contractador dos Diamantes ≡≡≡



DRAMA EM 3 ACTOS E 1 QUADRO
DE
AFFONSO ARINOS ◻ ◻ ◻

REPRESENTADO NO THEATRO MUNICIPAL DE S. PAULO EM BENEFICIO DO ASYLO DOS INVALIDOS E DA SOCIEDADE DE CULTURA ARTISTICA, AOS 12 E 14 DE MAIO DE 1919. —





AFFONSO ARINOS
AOS 13 ANNOS

O Contractador dos Diamantes

Palestra

ACADEMIA BRASILEIRA já tem casa, louvado seja Deus, mas não tem ainda mobília; portanto, é obrigada a pedir por empréstimo a casa alheia todas as vezes que se reúne. As suas quarenta cadeiras por enquanto não passam de uma figura, ou, antes de uma hypothese; consta-me, porém, que brevemente ella terá os seus moveis. Ora Deus queira!

A reunião, de sexta-feira passada foi no salão nobre do Gabinete Portuguez de Leitura, obsequiosamente cedido pela directoria da grande associação que tanto honra a colonia portugueza desta capital.

Eu não conhecia o salão, nem mesmo sabia, ingenuamente o confesso, que existisse. E' de uma grande belleza, com a sua decoração manoelina, harmoniosa e sobria, e vai ganhando aos poucos a patina do tempo que só lhe falta para dar a illusão absoluta de uma sala portugueza no seculo XVI.

Estavam presentes á reunião oito ou dez academicos, — tres senhoras, alguns membros da directoria do gabinete, o ministro de Portugal, conselheiro Camelo Lampreia, que, sabendo do que se tratava, entendeu, por um requinte de amabilidade, que devia estar presente, o Marquez de Paranaguá, exemplo phenomenal de uma velhice verde e sadia, — e outros cavalheiros.

* * *

O objecto que nos reunia era o drama em quatro actos, o "Contractador dos Diamantes", cuja leitura ia ser feita pelo proprio autor, Affonso Arinos, não sei se o mais com-

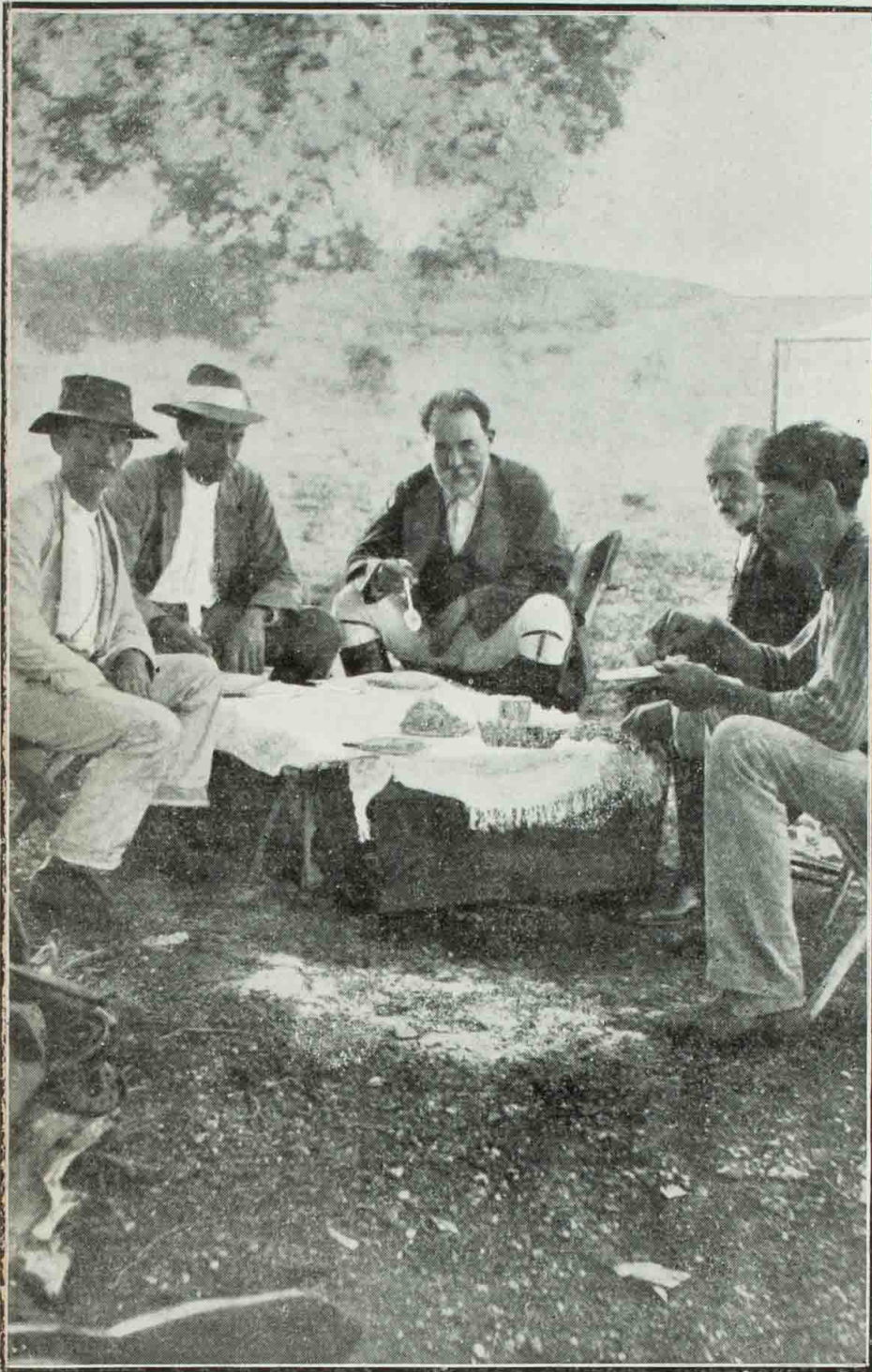
pleto dos nossos homens de letras, como disse, nesta mesma folha, o meu collega "Pangloss", mas com certeza um dos menos incompletos.

Eu já conhecia os dois primeiros actos do "Contractador dos Diamantes": Arinos teve a bondade de os lér, ha mezes, em sua propria casa, a mim e ao meu velho amigo Eugenio de Magalhães, o distincto actor. Nessa occasião disse eu aos meus leitores todo o bem que pensava desses dois primeiros actos. Os dois ultimos ainda não estavam escriptos. O autor partia no dia seguinte para Minas, e era lá, sob o incomparavel céu da sua provincia, rodeado de todos os encantos daquella maravilhosa paisagem, que pretendia concluir a peça.

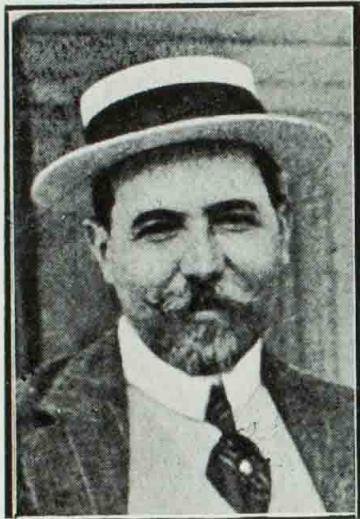
Confesso que tive os meus receios de que o resto desmerecesse do que eu [tinha ouvido, isto é, que, desapparecendo, no começo do terceiro acto, o protagonista do drama, por ter sido preso, a acção afrouxasse e não pudesse o dramaturgo sustentar até o fim todo o interesse dramatico despertado pelos dois primeiros actos. Em theatro, a despeito de quanto prégam os apóstolos da dramaturgia moderna, sou um observador exacto das velhas convenções e considero a arte de fazer peças uma arte inferior, se quizerem, mas adstricta a regras e preceitos essenciaes de que não é possível fugir, a menos que o autor não faça caso do publico e se contente do applauso, nem sempre sincero, de meia duzia de amigos.

Mas eu contava com a habilidade de Affonso Arinos, que se revelou de repente dramaturgo, e a quem se pôde applicar o famoso verso do "Cid": aquillo não é um "coup d'essai", mas um "coup de maitre".

Decididamente Minas o inspirou, porque o terceiro acto é, sem duvida, o mais forte, e lá está, se me fazem favor, a imprescindivel "scène á faire", tão recommendada pelo velho Sarcey. O protagonista desappareceu, é certo, para só reaparecer no fim, em condições altamente dramaticas; mas o autor attrahiu, com admiravel engenho, todos os outros personagens para o primeiro ploteio, e a propria ausencia do protagonista tornou-se, no terceiro acto, um elemento pathetico.



AFFONSO ARINOS
FM PLENO SERTÃO 1914



AFFONSO ARINOS

* * *

Esse protagonista, o contractador de diamantes, é, já todos sabem, Felisberto Caldeira, o bisavô do venerando visconde de Barbacena, que, por ter tido a pachorra de fazer com annos, se tornou uma curiosidade desta capital, como o Corcovado, o Jardim Botânico, a Santa Casa e o corpo de bombeiros. O drama e o infortunio do aventureiro paulista que, depois de possuir incalculáveis riquezas, viu todos os seus bens confiscados, foi injustamente preso, como concessionario, por ordem do governo d'el-rey nosso senhor, e remettido para Lisboa, onde o surprehendeu, no Limoeiro, o terremoto de 1755.

O primeiro acto mostra-nos Felisberto Caldeira nos seus salões, na importante povoação do Tijuco, em noite de baile, recebendo a visita do ouvidor e do intendente que o hão de trahir; o segundo passa-se no adro da igreja da povoação, durante as festas da Alleluia; o terceiro outra vez em casa do contractador; o quarto em pleno campo, ao raiar da aurora, defronte de um pouso onde vem descansar o pelotão que conduz Felisberto, algemado, para o Rio de Janeiro.

Nada mais acrescentarei, porque entendo que Affonso Arinos deve a sua peça ao theatro, e é impertinencia publical-a antes de ser exhibida no palco. Direi apenas que está muito bem escripta, é de um pilherico delicioso, reconstitue com muita verdade uma época recuada, que deixou apenas insignificantes vestígios, e ameniza as situações dolorosas com a intervenção de personagens comicos, de uma observação exacta e feliz.

Affonso Arinos conhece, como ninguem, a historia da sua formosa Minas; tem passado grande parte da mocidade a compulsar documentos nos poirentos archivos do Estado, e possui um abundante manancial dramatico. Já o está preoccupando a figura do famoso

explorador Paes Leme, que dá tambem uma peça.

* * *

O "Contractador dos Diamantes" tem muita musica. No primeiro acto a scena é dividida em dois salões, um no primeiro, outro no segundo plano, e neste ultimo ha uma orchestra que executa, durante o dialogo, minuets, gavotas e sarabandas. No segundo acto, ao romper das Alleluias, ha em scena cantos e danças populares, meio brasileiros, meio africanos. No terceiro, ouve-se passar a charanga que vai ao encontro de Gomes Freire. O quarto começa por uma symphonia, que se prolonga na orchestra até depois de subir o panno.

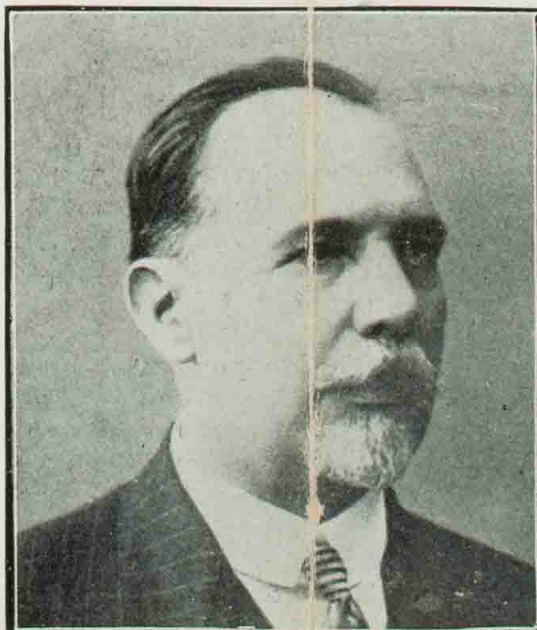
Affonso Arinos escolheu Francisco Braga para escrever a musica da sua peça; a escolha não poderia ser mais acertada: o compositor é digno do dramaturgo.

* * *

E' bem possivel, disse hontem o "Correio da Manhã", que o drama seja representado pela companhia do theatro São José. Não duvido que isso aconteça, e serei dos primeiros a dar parabens a Eduardo Victorino; mas, francamente, ahí estava uma peça ao pintar para a inauguração do Theatro Municipal.

* * *

O Theatro Municipal... Quando o tere-mos?... No dia 15 reune-se a comissão julgadora dos projectos apresentados, e acredito que haja entre elles alguma digno de ser esco-



AFFONSO ARINOS
ULTIMA PHOTOGRAPHIA



AFFONSO ARINOS
NO SEU CAVALLO "O SERTANEJO"
1915

lhido; mas a construcção do theatro que tempo durará? O "Contractador dos Diamantes" não terá paciencia para esperar tanto...

* * *

Esse drama, escripto por um dos nossos literatos mais autorizados, e de quem o theatro brasileiro tudo espera, porque Affonso Arinos é independente, e pôde entregar-se de corpo e alma á literatura, sem a terrivel preocupação do feijão nosso de cada dia — esse drama, dizia eu, profundamente nacional e digno de uma platéa intelligente, é a prova mais flagrante de que não sou um visionario quando prego o advento da arte dramatica no Brasil, e quando me insurjo contra os agourentos, pessimistas e desalentados que em todos os tem-

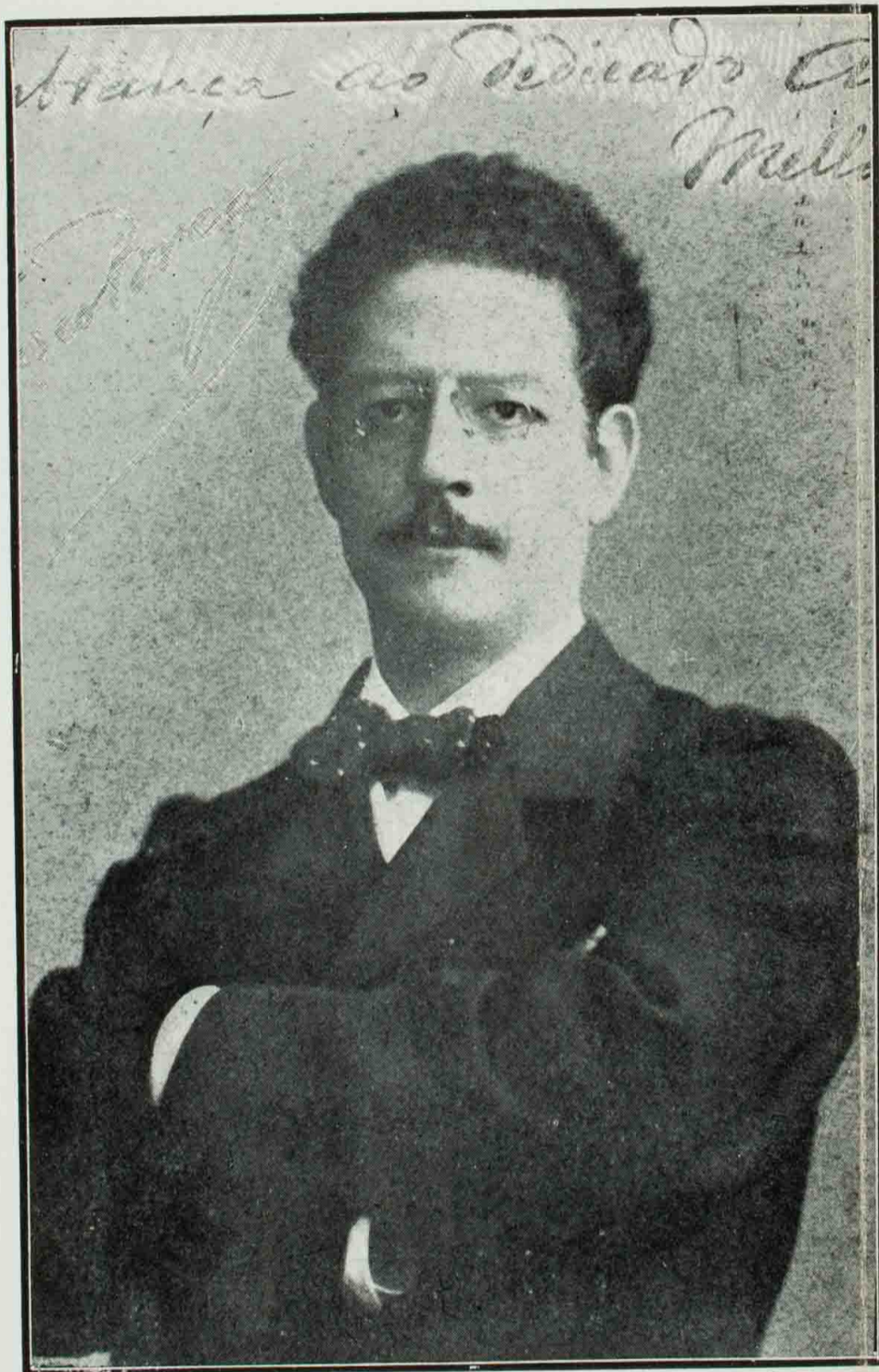
pos entorpeceram na nossa terra o progresso das artes.

Assim como appareceu este dramaturgo de talento, outros apparecerão. Assim como Affonso Arinos dramatizou o infortunio de Felisberto Caldeira, Coelho Netto amanhã dramatizará o infortunio de Bequimão. O norte acompanhará o sul nesse movimento de arte.

E, apparecendo os dramaturgos, não ha motivo para suppor que não appareçam os artistas. Confiamos no valor da nossa raça, e não desanimamos, mesmo porque a epoca de renovação que atravessamos é a menos propria para desanimos.

(Do "Paiz").

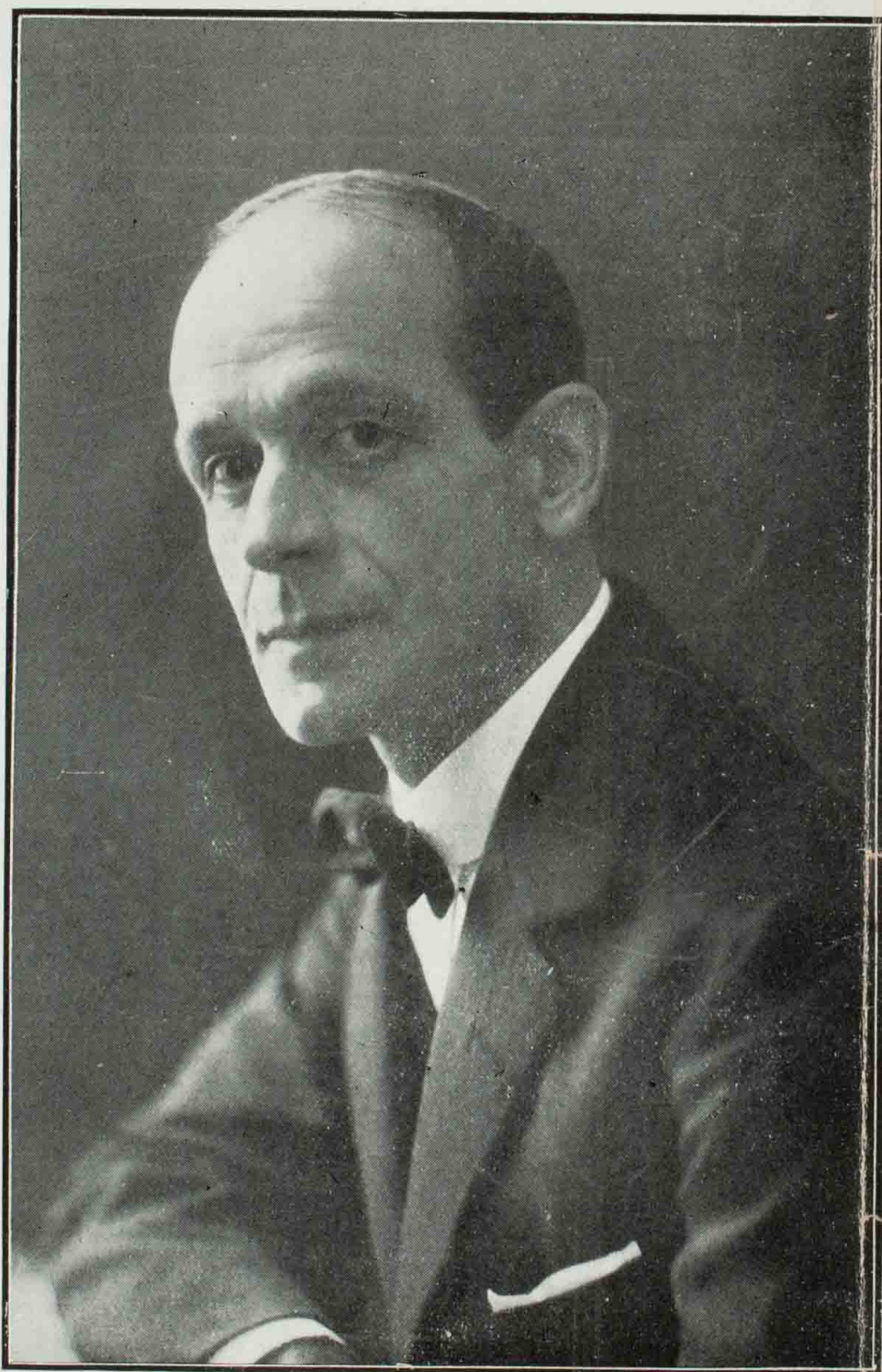
ARTHUR AZEVEDO.



MAESTRO FRANCISCO BRAGA



SRA. EGLANTINA PENTEADO DA SILVA PRADO



EDUARDO DE AGUIAR D'ANDRADA

O Contractador dos Diamantes

PEÇA BRASILEIRA EM TRES ACTOS E UM QUADRO

ÉPOCA — 1752 a 1753

PERSONAGENS:

- | | | |
|---|---|---|
| □ | □ | FELISBERTO CALDEIRA BRANT |
| □ | □ | SEBASTIÃO CALDEIRA BRANT |
| □ | □ | CONRADO CALDEIRA BRANT |
| □ | □ | LUIZ CAMACHO, joven fidalgo português |
| | | SANCHO DE ANDRADE CASTRO E LANÇÕES, o intendente |
| | | JOSE' PINTO DE MORAES BACELLAR, o ouvidor |
| | | BELCHIOR ISIDORO BARRETO, fiscal dos diamantes e |
| | | Amigo do contractador |
| | | CAPITÃO SIMÃO DA CUNHA, dos dragões reaes |
| | | MESTRE VICENTE, professor de latim e de rhetorica |
| | | DIEGO SUAREZ, mestre de dança e politica |
| | | PADRE CAMBRAIA |
| | | SEBASTIÃO SAMPAIO, escrivão |
| | | D. BRANCA DE ALMEIDA LARA, mulher do Contractador |
| | | COTINHA CALDEIRA, sua sobrinha |
| | | D. PULCHERIA DIAS, amiga da familia Caldeira |
| | | D. VERONICA, amiga da familia Caldeira |
| | | JOSEPHINA, filha de D. Veronica |
| | | Administrador de serviço |
| | | Capitão do matto |
| | | Um dragão |
| | | Garimpeiro |
| | | Rancheiro |
| | | Feitor |
| | | Um laçao |
| | | Um pagem |
| | | Um sertanejo |
| | | 1. ^a beata |
| | | 2. ^a beata |
| | | Ensaizador |

Vestuarios feitos nas casas: Camillo, Sage, Maronat, M
leiras das casas: Hamel e Savini; chapéos das casas Bianchi
toro. Decoração pela casa Mappin Store.

A acção passa-se no Tijuco, centro do districto diamantino, na capitania de Minas Geraes.

EDUARDO DE AGUIAR D'ANDRADA
CHRISTOVÃO PRATES DA FONSECA
VITAL DE PAULA RIBEIRO
GOFFREDO T. DA SILVA TELLES
ONALDO MACHADO
RENE' THIOLLIER

ROBERTO MOREIRA
CHRISTIANO KLINGELHOFER
HEITOR PRATES
PAULO GOULART
HEITOR PRATES
RAUL FERRAZ
Sra. EGLATINA PENTEADO DA SILVA PRADO
Sta. MARIA GUEDES PENTEADO
Sta. SYLVIA UCHÔA
Sta. DULCE VALLIM
Sta. VERA PARANAGUA'
AMADEU DA SILVEIRA SARAIVA
BENTO DE LACERDA DE OLIVEIRA
RENATO COELHO
CLOVIS DE CAMARGO
BENTO LACERDA DE OLIVEIRA
PAULO GOULART
EDGARD COELHO
JOAQUIM VALLE
CLAUDIO NOVAES
Sta. SYLVIA UCHÔA
Sta. LAURA DE LOURDES PACHECO
Sr. DELLA GUARDIA

n Store, Maria Valentini e Alfaiataria Brasil. Cabel-
aiataria Brasil, sapatos das casas Rossi, Parisi e San-



Sr.ª Maria Guedes Penteado

□ □

□ □



Sr.ª Vera Paranaguá

□ □

□ □



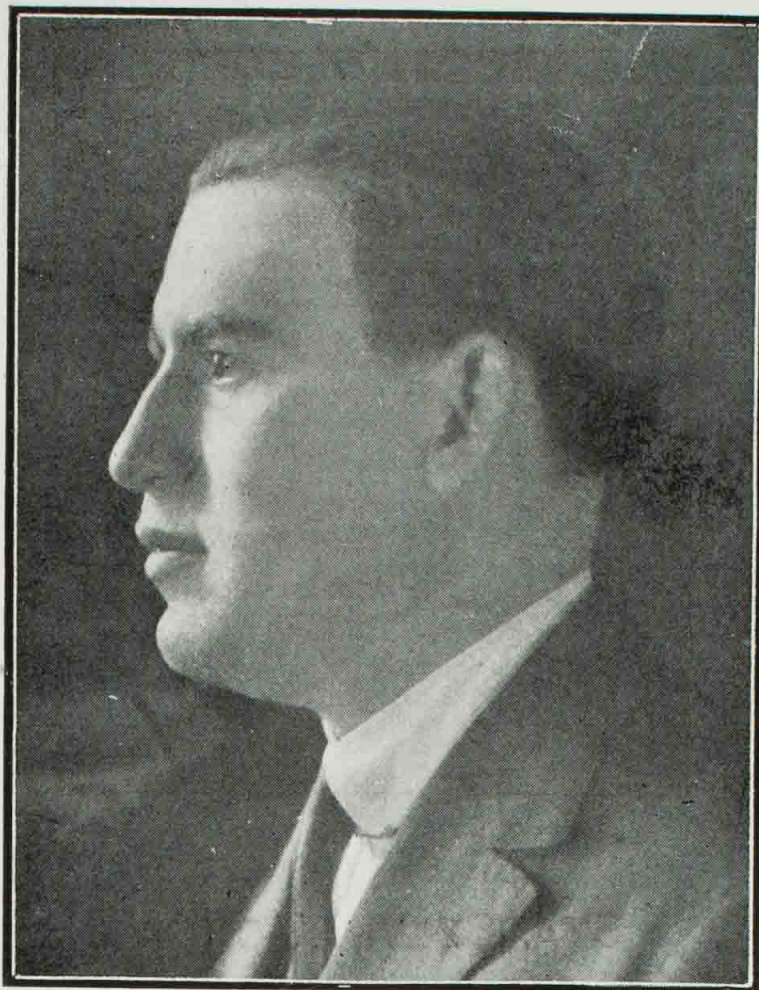
STA. SYLVIA UCHÔA



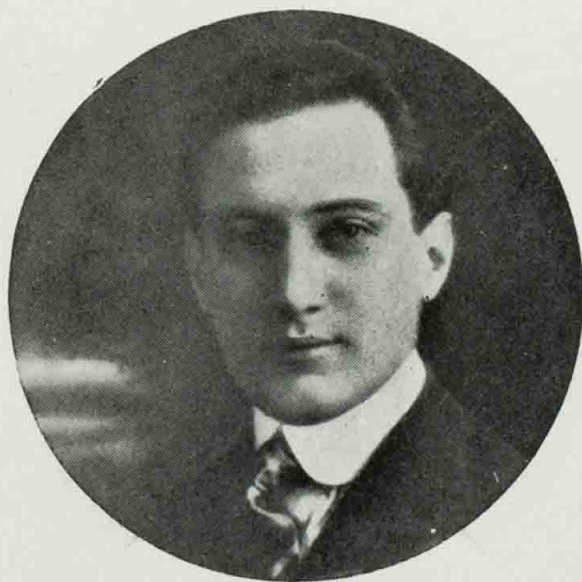
Sta. DULCE VALLIM



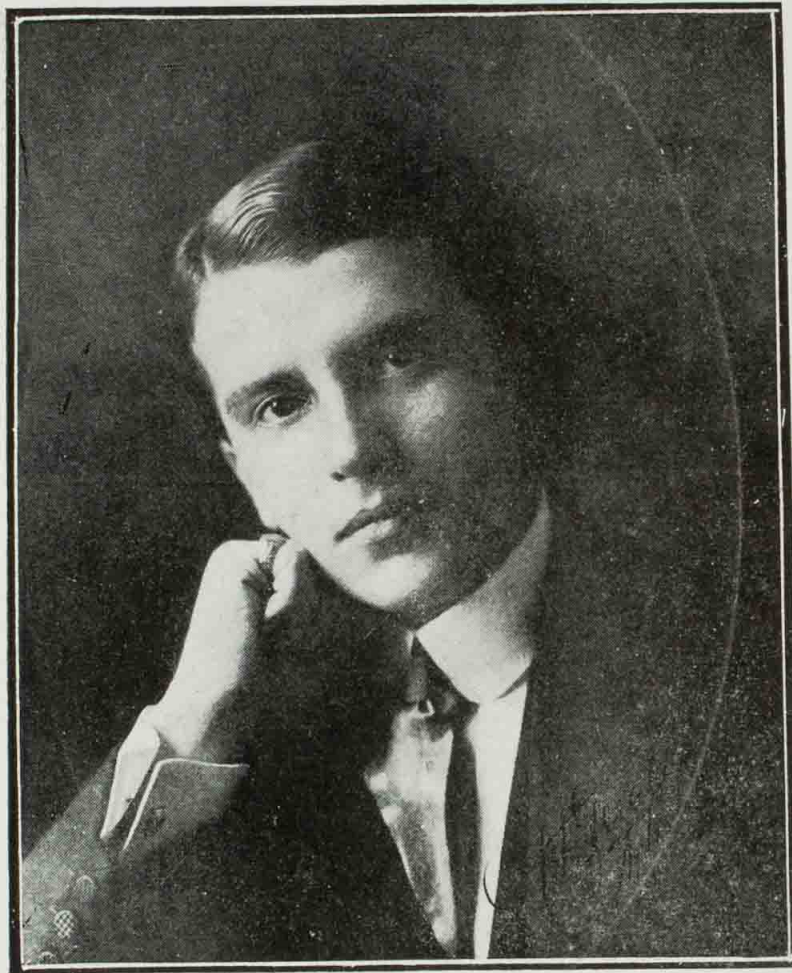
Sta. Laura de Lourdes Pacheco



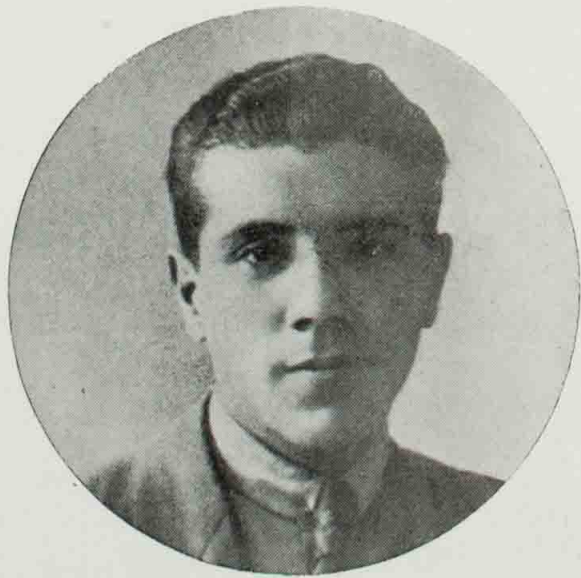
ROBERTO MOREIRA



ONALDO MACHADO



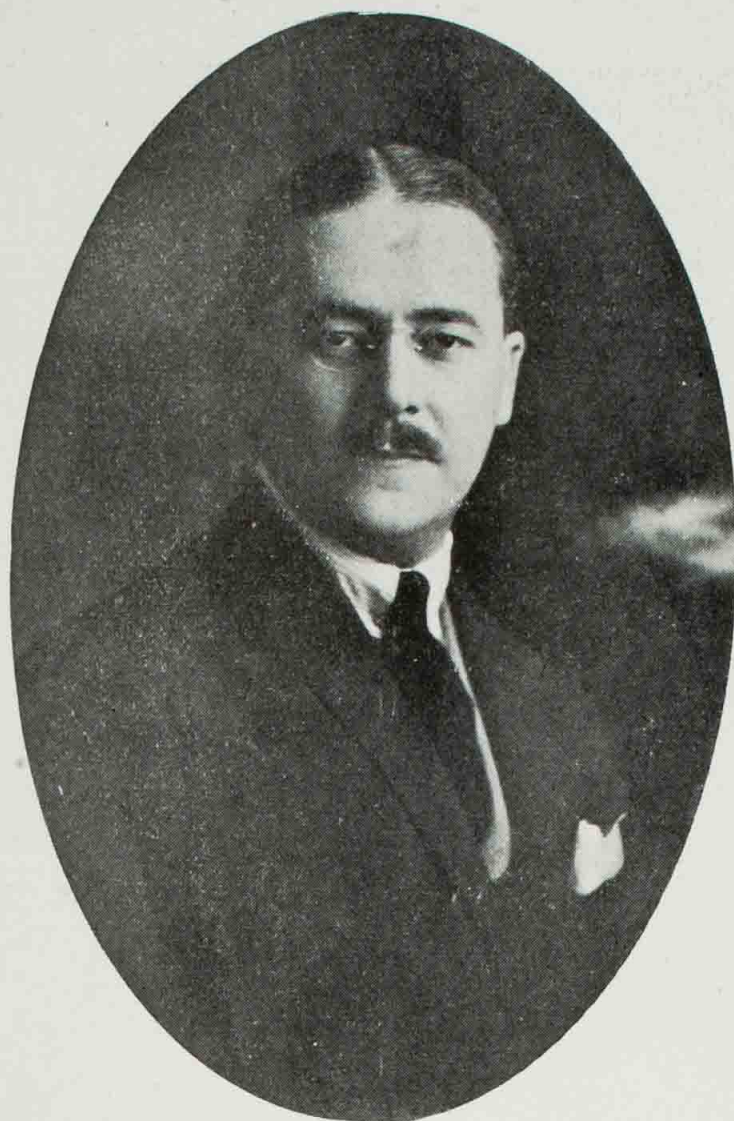
GOFFREDO T. DA SILVA TELLES



HEITOR PRATES BAPTISTA



PAULO GOULART



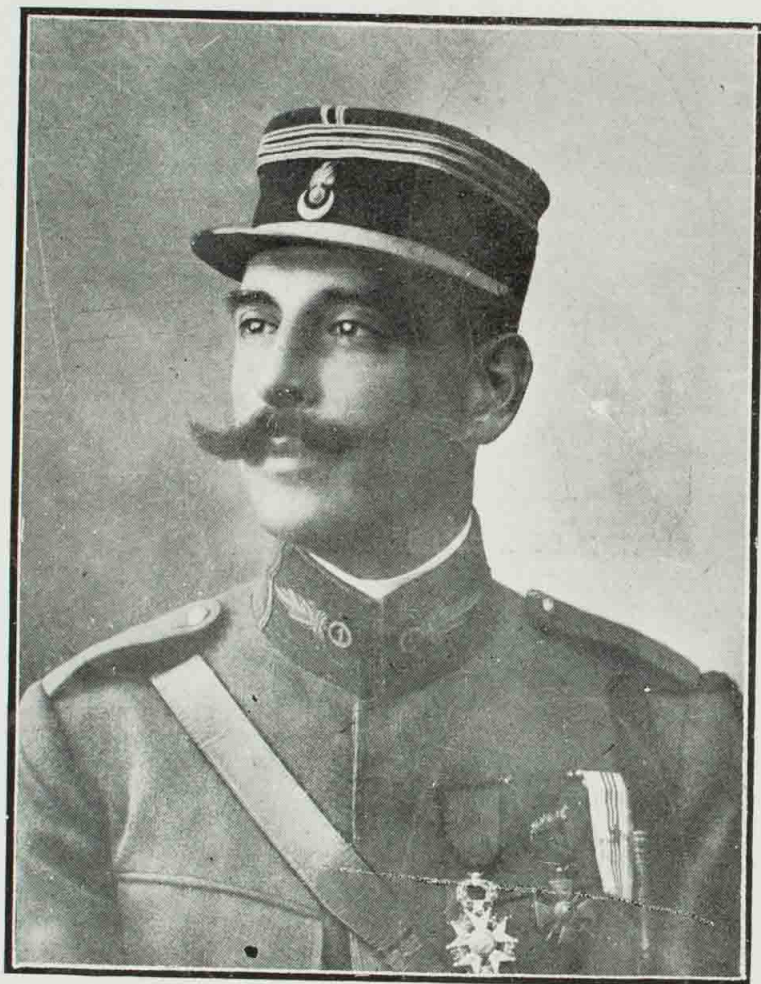
RENÉ THIOLLIER



CHRISTOVÃO PRATES DA FONSECA



VITAL DE PAULA RIBEIRO



CHRISTIANO KLINGELHOFER



RAUL DE OLIVEIRA FERRAZ



EDGARD COELHO



CLOVIS M. DE CAMARGO



BENTO LACERDA DE OLIVEIRA



CLAUDIO NOVAES



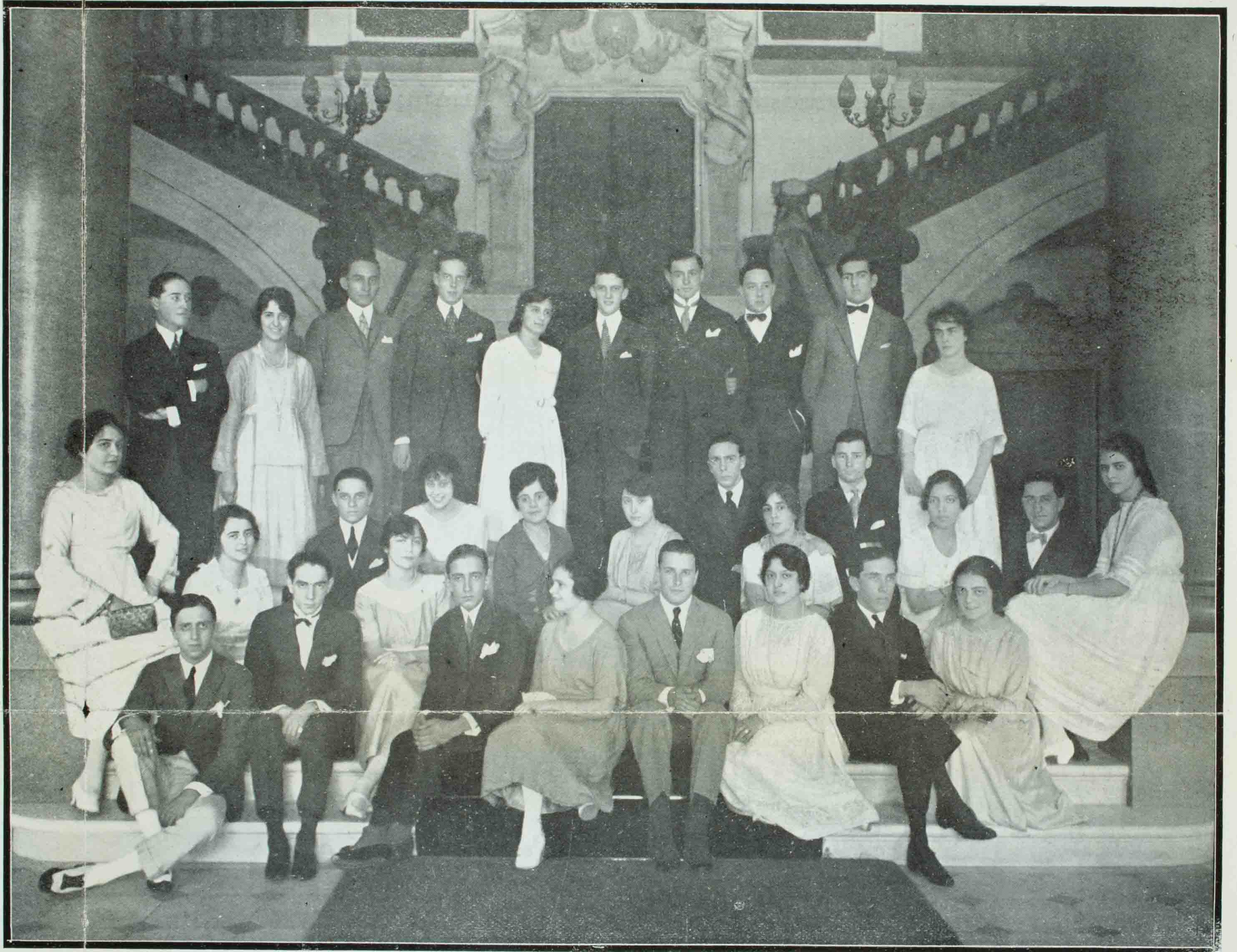
JOAQUIM VALLE



AMADEU DA SILVEIRA SARAIVA



RENATO COELHO



O Contractador dos Diamantes

RESUMO

"O Contractador dos Diamantes" é um drama historico. Baseia-se sobre um episodio verídico da vida de Felisberto Caldeira Brandt que fez, em meados do seculo XVIII, com a corôa de Portugal, um contrato para a exploração das minas de diamantes, na capitania de Minas Geraes. A esse tempo reinava em Portugal o senhor D. João V. Morto este, subiu ao throno o senhor D. José I, que teve como ministro Sebastião José de Carvalho e Mello, depois marquez de Pombal. Essa transmutação no governo da metropole foi nefasta a Felisberto Caldeira Brandt. Ou porque augmentasse progressivamente, com a sua fortuna, a influencia politica de Felisberto na colonia, ou porque os seus amigos e protectores na côrte tivessem incorrido no desagrado régio ou no do ministro todo poderoso, ou porque as intrigas palacianas o tivessem pintado como um defraudador contumaz da fazenda real, ou por outro qualquer motivo, — o certo é que Felisberto foi violentamente despojado dos seus privilegios e regalias, teve os seus bens confiscados, os seus amigos e parentes perseguidos, e acabou sendo preso e conduzido a Lisbôa, onde permaneceu longo tempo encarcerado e afinal morreu na obscuridade e na pobresa.

A acção do drama passa-se no Tijuco, hoje Diamantina, entre 1751 e 1753.

Quando o panno sobe, estamos na casa do Contracto, residencia do contractador Felisberto Caldeira Brandt, onde ha um baile. Estão presentes toda a alta sociedade do Tijuco e o intendente Lanções bem como o ouvidor Bacellar, autoridades estas chegadas ha pouco do reino e hostis a Felisberto Caldeira Brandt. Com este mora a sua sobrinha, Cotinha Caldeira, a quem um fidalgo luzitano, Luiz Camacho, faz declaradamente e com ventura a côrte, concorrendo assim para que augmente a má vontade do ouvidor Bacellar para com a familia Caldeira, o qual tambem se tomara de amores por Cotinha. Durante a festa, advertido pelas confidencias que lhe faz Belchior Barreto, seu compadre, por palavras que ouve ao intendente e ao ouvidor e pela intempestiva che-

gada de uma carta regia, o contractador Felisberto se convence de que os seus dias de poder e de gloria estão contados. O panno cêe, quando o contractador, já inteiramente desiludido acerca das intenções do governo luzitano a seu respeito, lança uma apostrophe commovida prophetizando para um dia não remoto o levante victorioso da colonia contra os seus oppressores.

No segundo acto apparece uma rua do Tijuco, tendo ao fundo a igreja matriz. É o tempo da semana santa. O templo se enche por occasião da missa da alleluia, vendo-se encaminhar para lá, com toda a sua familia, o contractador Felisberto Caldeira Brandt. Emquanto se realisam, na igreja, as ceremonias religiosas, fóra, na rua, o povo se entrega aos seus folguedos tradicionais. Negros dansam um congado, outros se divertem dirigindo dichotes a um "judas", sendo esses brincos abruptamente interrompidos pelo inesperado apparecimento de duas beatas, que saem do templo, alvoroçadamente. É que durante o officio divino, o ouvidor Bacellar, que o assistia, arremeçou atrevidamente uma flor ao regaço de Cotinha Caldeira, provocando esse gesto immediato protesto do contractador Felisberto. Este, encolerizado, vem á rua, e encontrando o povo já ao par do que se passara, e visivelmente disposto a prestigiar a familia Caldeira, desrespeitada pelo ouvidor, — dirige-lhe um breve e inflammado discurso, concitando a população do Tijuco a reagir contra as autoridades lusas. O povo acclama Felisberto. Os vivas estrugem ainda no ar, quando apparecem o intendente Lanções, e o ouvidor Bacellar, seguidos de um pelotão de dragões, sob o commando do capitão Simão da Cunha. Bacellar e Lanções, com descomedia arrogancia, endereçam asperas palavras á multidão, impondo-lhe silencio. Mas Felisberto intervem. Mostra que o povo apenas protesta contra um acto revoltante do ouvidor. Este reage. Trava-se entre ambos acalorada disputa, em meio da qual Felisberto arranca da espada e investe contra o ouvidor. A esse gesto, os dragões avançam para o povo, dispostos a acutilal-o

com os seus sabres, e, quando a luta vae travar-se, surge, no adro da igreja, solememente paramentado, e de cruz alçada, o padre Cambraia, que, com a sua palavra energica, consegue deter os contendores, evitando o conflicto imminente.

O terceiro acto inicia-se com os preparativos do contractador, que parte ao encontro do general Gomes Freire a caminho do Tijuco. A cidade está em festas, mas Felisberto presente a aproximação da tormenta que se avolumava sobre a sua cabeça. Não só as autoridades chegadas do reino, mas tambem aquellas do Brasil, que se lhe afiuravam aliças, conspiravam para perdê-lo. No obstante parte, deixando mergulhada em profundo sobresalto a sua esposa d. Branca de Lara. Na ausencia do contractador, apresenta-se em casa deste, seguido de dragões, o ouvidor Bacellar. D. Branca, que o encontra á porta, ia a sahir com o fito de juntar-se a seu marido, pois um pagem lhe viera prevenir que Felisberto acabava de ser preso fóra da cidade, quando se avizinhava do general, para saudal-o. O ouvidor entrega a d. Branca uma carta régia na qual se determinava a prisão do contractador, a apprehensão de todos os seus papeis e a confiscção de todos os seus bens. Ordena-lhe que abandone a sua casa, e vá ora avante sob o dominio da lei. E como Luiz Camacho, que está presente e que momentos antes pedira a mão de Cotinha, sendo acceito, protesta contra semelhante arbitrariedade, o ouvidor manda que o prendam, o que é feito pelos dragões. D. Branca se retira com outras pessoas presentes. Camacho é conduzido pelos dragões, emquanto o escrivão Sampaio e meirinhos procedem ao arrolamento dos bens do contractador. Fóra se ouve a voz do prégoeiro convocando o povo a soldar as suas contas com Felisberto Caldeira Brandt, ao mesmo tempo em que, só na scena, o ouvidor desta entrevêr o seu despeito de namorado infeliz e o seu orgulho de potentado oppressor.

O quadro final representa a passagem do contractador pelas margens escarpadas do ribeirão do Inferno, quando aquelle, algemado, é conduzido para o reino.



“O Contractador dos Diamantes” é um drama historico. Baseia-se sobre um episodio veridico da vida de Felisberto Caldeira Brandt que fez, em meados do seculo XVIII, com a corôa de Portugal, um contrato para a exploração das minas de diamantes, na capitania de Minas Geraes. A esse tempo reinava em Portugal o senhor D. João V. Morto este, subiu ao throno o senhor D. José I, que teve como ministro Sebastião José de Carvalho e Mello, depois marquez de Pombal. Essa transmutação no governo da metropole foi nefasta a Felisberto Caldeira Brandt. Ou porque augmentasse progressivamente, com a sua fortuna, a influencia politica de Felisberto na colonia, ou porque os seus amigos e protectores na côrte tivessem incorrido no desagrado régio ou no do ministro todo poderoso, ou porque as intrigas palacia-nas o tivessem pintado como um defraudador contumaz da fazenda real, ou por outro qualquer motivo, — o certo é que Felisberto foi violentamente despojado dos seus privilegios e regalias, teve os seus bens confiscados, os seus amigos e parentes perseguidos, e acabou sendo preso e conduzido a Lisbôa, onde permaneceu longo tempo encarcerado e afinal morreu na obscuridade e na pobresa.

A accção do drama passa-se no Tijuco, hoje Diamantina, entre 1751 e 1753.

Quando o panno sobe, estamos na casa do Contracto, residencia do contractador Felisberto Caldeira Brandt, onde ha um baile. Estão presentes toda a alta sociedade do Tijuco e o intendente Lanções bem como o ouvidor Bacellar, autoridades estas chegadas ha pouco do reino e hostis a Felisberto Caldeira Brandt. Com este mora a sua sobrinha, Cotinha Caldeira, a quem um fidalgo luzitano, Luiz Camacho, faz declaradamente e com ventura a côrte, concorrendo assim para que augmente a má vontade do ouvidor Bacellar para com a familia Caldeira, o qual tambem se tomara de amores por Cotinha. Durante a festa, advertido pelas confidencias que lhe faz Belchior Barreto, seu compadre, por palavras que ouve ao intendente e ao ouvidor e pela intempestiva che-

gada de uma carta regia, o contractador Felisberto se convence de que os seus dias de poder e de gloria estão contados. O panno cõe, quando o contractador, já inteiramente desiludido acerca das intenções do governo luzitano a seu respeito, lança uma apostrophe commovida propheetizando para um dia não remoto o levante victorioso da colonia contra os seus oppressores.

No segundo acto apparece uma rua do Tijuco, tendo ao fundo a igreja matriz. E' o tempo da semana santa. O templo se enche por occasião da missa da alleluia, vendo-se encaminhar para lá, com toda a sua familia, o contractador Felisberto Caldeira Brandt. Emquanto se realisam, na igreja, as ceremonias religiosas, fóra, na rua, o povo se entrega aos seus folguedos tradicionais. Negros dansam um congado, outros se divertem dirigindo dichotes a um “judas”, sendo esses brincos abruptamente interrompidos pelo inesperado apparecimento de duas beatas, que saem do templo, alvoroçadamente. E' que durante o officio divino, o ouvidor Bacellar, que o assistia, arremeçou atrevidamente uma flor ao regaço de Cotinha Caldeira, provocando esse gesto immediato protesto do contractador Felisberto. Este, encolerizado, vem á rua, e encontrando o povo já ao par do que se passara, e visivelmente disposto a prestigiar a familia Caldeira, desrespeitada pelo ouvidor, — dirige-lhe um breve e inflammado discurso, concitando a população do Tijuco a reagir contra as autoridades lusas. O povo acclama Felisberto. Os vivas estrugem ainda no ar, quando apparecem o intendente Lanções, e o ouvidor Bacellar, seguidos de um pelotão de dragões, sob o commando do capitão Simão da Cunha. Bacellar e Lanções, com descomediada arrogancia, endereçam asperas palavras á multidão, impondo-lhe silencio. Mas Felisberto intervem. Mostra que o povo apenas protesta contra um acto revoltante do ouvidor. Este reage. Trava-se entre ambos acalorada disputa, em meio da qual Felisberto arranca da espada e investe contra o ouvidor. A esse gesto, os dragões avançam para o povo, dispostos a acutilal-o

com os seus sabres, e, quando a luta vae travarse, surge, no adro da igreja, solemnemente paramentado, e de cruz alçada, o padre Cambraia, que, com a sua palavra energica, consegue d'eter os contendores, evitando o conflicto imminente.

O terceiro acto inicia-se com os preparativos do contractador, que parte ao encontro do general Gomes Freire a caminho do Tijuco. A cidade está em festas, mas Felisberto presente a approximação da tormenta que se avolumava sobre a sua cabeça. Não só as autoridades chegadas do reino, mas tambem aquellas do Brasil, que se lhe afiguravam aliças, conspiravam para perdê-lo. No obstante parte, deixando mergulhada em profundo sobresalto a sua esposa d. Branca de Lara. Na ausencia do contractador, apresenta-se em casa deste, seguido de dragões, o ouvidor Bacellar. D. Branca, que o encontra á porta, ia a sahir com o fito de juntar-se a seu marido, pois um pagem lhe viera prevenindo que Felisberto acabava de ser preso fóra da cidade, quando se avizinhava do general, para saudal-o. O ouvidor entrega a d. Branca uma carta régia na qual se determinava a prisão do contractador, a apprehensão de todos os seus pa-peis e a confiscação de todos os seus bens. Ordena-lhe que abandone a sua casa, de ora avante sob o dominio da lei. E como Luiz Camacho, que está presente e que momentos antes pedira a mão de Cotinha, sendo accedido, proteste contra semelhante arbitrariedade, o ouvidor manda que o prendam, o que é feito pelos dragões. D. Branca se retira com outras pessoas presentes. Camacho é conduzido pelos dragões, emquanto o escrivão Sampaio e meirinhos procedem ao arrolamento dos bens do contractador. Fóra se ouve a voz do prégoeiro convocando o povo a ajudar as suas contas com Felisberto Caldeira Brandt, ao mesmo tempo em que, só na scena, o ouvidor deixa entrevêr o seu despeito de namorado infeliz e o seu orgulho de potentado oppressor.

O quadro final representa a passagem do contractador pelas margens escarpadas do ribeirão do Inferno, quando aquelle, algemado, é conduzido para o reino.

